

Editorial

NOVO PREFEITO, NOVOS DESAFIOS

O último resultado do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM não foi muito satisfatório para a tradição cultural vianense. Apenas o Centro Educacional Dr. José Pereira Gomes foi classificado, com 429,56538 pontos. Dos municípios próximos, ressaltamos Arari, que teve três escolas classificadas.

Embora, em sua maioria, as escolas pertençam à rede estadual, os estudantes tiveram como etapa inicial o ensino municipal. Se este for deficiente, essa situação se alonga na vida estudantil do aluno.

Essa é uma realidade que o novo prefeito tem que enfrentar como desafio à sua administração. Sem a qualidade da educação não podemos garantir um futuro promissor aos nossos jovens. Se saírem das escolas sem saberem nada, não terão capacidade de competirem adiante.

O primeiro passo para a melhoria da qualidade do nosso ensino é olhar os professores com mais atenção. É preciso qualificá-los e valorizá-los para que eles se entusiasmem com esse projeto de aperfeiçoamento da nossa educação.

Ao abordarmos esse tema, não podemos deixar de lembrar nomes notáveis do nosso magistério que contribuíram para o engrandecimento do nosso ensino, como as professoras Edith Silva, Josefina Cordeiro e Maria Antônia Gomes; e os professores Luís Carlos Pereira, Severiano Mendonça e padre Eider.

Por várias vezes, já falamos, neste espaço, sobre a deficiência da nossa educação. É como se tivéssemos clamado no deserto. Nem uma resposta teve a sociedade por meio de ações que respondessem às exigências apontadas. Agora que a administração pública tem novos responsáveis, esperamos que o assunto seja tratado com mais seriedade.

Tantas são as expectativas que se acumulam no espírito dos vianenses pela mudança do prefeito que seria cansativo enumerá-las. Qualquer que seja o setor, basta haver planejamento, competência e seriedade para que tudo mude. Sem ética, a corrupção se instala e compromete todo o resultado da administração.

A população já está cansada de assistir a tantos desmandos, sem a devida punição dos seus autores. Cada verba desviada ou não aplicada causa um prejuízo irreparável ao desenvolvimento do município.

A nova Câmara de vereadores tem um papel fundamental nesse sistema que se instala em torno da administração municipal. Esperamos dos novos vereadores mais compromisso ético e respeito aos seus eleitores.

Parabenizamos o Centro de Educação Dr. José Pereira Gomes, antigo Ginásio Professor Antônio Lopes, pela demonstração de qualidade. Na próxima avaliação, esperamos que outras escolas vianenses apareçam também com boa classificação.

A propósito, lembramos aos nossos leitores que nosso jornal não tem feição partidária e, por isso, continuará exercendo sua atenção crítica à administração municipal.

SOLAR DOS RAMOS

GERALDO COSTA



Localizado à Rua Coronel Campelo, nº 685, em frente à Praça São Benedito, o Solar dos Ramos foi residência do comerciante Moisés Vieira Ramos e sua esposa, Maria da Conceição Fernandes Ramos (Maroca).

O casal gerou os seguintes filhos: Djanira, Djalma, Doracy, Denê, José de Ribamar, Daniel, Denise, Dorival, Maria da Natividade e Antônio Amâncio. Sete dos dez irmãos já faleceram, restando apenas Dona Doracy (95 anos), Dona Denise (87 anos) e Dona Maria da Natividade (83 anos), as quais residem em São Luís há muitos anos.

O imóvel foi adquirido pelo Sr. Moisés Ramos há quase cem anos, pois a partir da terceira filha, Dona Doracy, nascida em 1917, todos os seus demais filhos nasceram ali.

Morada inteira de estilo colonial, o imóvel conserva sua fachada externa original, com exceção do portão à esquerda, construído onde antes existia apenas um pequeno muro que separava a casa da residência vizinha. De início, todo o imóvel era de adobe, mas o próprio Moisés Ramos mandou substituir quase todas as paredes originais por paredes de alvenaria.

Hoje dividido internamente em duas residências distintas, o Solar dos Ramos possui dois fortes motivos para que continue sendo preservado pelos seus atuais e futuros herdeiros: além de ser um dos raríssimos exemplares da antiga arquitetura colonial da cidade ainda existentes na Rua Coronel Campelo, é o guardião legítimo da memória de uma das mais tradicionais famílias vianenses (veja matéria à página 6).

POSSE NA AVL E LANÇAMENTO DE LIVRO



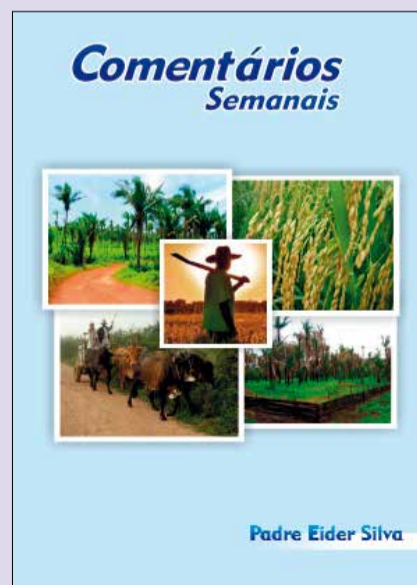
José Raimundo Franco é o mais novo integrante desta agremiação cultural. Eleito para assumir a Cadeira de nº 31, patronada pela professora Benedita das Mercês Balby (Bibi Balby), Franco é professor da UFMA, lotado no Campus de Pinheiro, e autor do livro *Segredos do Rio Maracu*.

Graduado em Geografia e mestre em "Sustentabilidade de Ecossistemas", o professor Franco escreveu uma matéria científica, no ano passado, para *O Renascer Vianense*, a qual foi publicada na edição nº 37.

O novo acadêmico deverá tomar posse no dia 25 de maio vindouro, às 20 hs, na Catedral de Viana, durante reunião solene desta Academia. Na mesma oportunidade haverá também o

lançamento do livro *Comentários Semanais*, de autoria do padre Eider Silva.

A obra póstuma do sacerdote vianense, que teve seu pré-lançamento em São Luís na festa de aniversário do Sr. Sebastião Furtado, reúne 33 crônicas escritas entre 1969/1970, quando o país atravessava o auge da ditadura militar.



TERESINHA GOMES 80 ANOS



Teresinha de Jesus Meireles Gomes foi outra vianense que também completou 80 anos de vida, neste início de 2013. Viúva de Lourival Cutrim Gomes e mãe de oito filhos, dona Teresinha comemorou em Brasília, no último 19 de fevereiro, a passagem de seu aniversário.

Professora aposentada, dona Teresinha reside em Viana, embora passe boa parte do ano entre São Luís e Brasília, visitando periodicamente os filhos que moram nas duas cidades. Muito

ativa e ainda faz incondicional do carnaval vianense, esta avó de 29 netos e oito bisnetos gosta de dividir seu tempo entre cursos de pintura, artesanato ou excursões pelo exterior, tendo já visitado países da América do Sul e da Europa.

Na foto, rodeada pelos filhos Lourival Júnior, Luiz, Ana Luiza, Robson, Luziana, Marco Antonio, Luiz Antonio e Luana, a feliz aniversariante que, em vez de festa, preferiu uma missa de ação de graças e um jantar em família.



Botêlho no Palácio dos Leões

O pintor Botêlho foi recebido recentemente pelo senador José Sarney e pela governadora Roseana, no Palácio dos Leões. Na oportunidade, o artista plástico vianense presenteou o ex-presidente do Senado Federal com um quadro do Convento das Mercês, enquanto a governadora recebeu um quadro que retratava uma marinha maranhense.

Num bate-papo descontraído, Botêlho falou ao senador José Sarney sobre sua trajetória artística, as exposições já realizadas (inclusive a de Viana do Castelo, em Portugal), os prêmios recebidos, e principalmente de seu desejo de fixar residência definitiva em São Luís. Muito elogiado pelo seu trabalho e emocionado pela acolhida, o artista plástico posou com seus anfitriões ao final da entrevista.

Secretária adjunta da Cultura reúne-se com secretários municipais

ALEXANDRE ABREU



Marlilde com Rogério do Maranhão e Geraldo Costa

A secretária adjunta do Estado da Cultura, Marlilde Mendonça, esteve em Viana no dia 5 de março passado, para uma reunião com os secretários municipais da Cultura e do Turismo.

Durante o encontro foram discutidas questões importantes relativas às duas pastas como a obra de restauração da Igreja Matriz, a demarcação do centro histórico tombado pelo Patrimônio

Estadual, a proteção das ruínas do sobrado amarelo e a revitalização da Casa da Cultura local.

Como vianense, Marlilde prometeu a Rogério do Maranhão e Geraldo Costa o apoio da SECMA em projetos culturais pertinentes à cidade. Uma nova reunião, com a presença do prefeito Chico Gomes, deverá ser agendada para dar continuidade aos temas tratados na ocasião.

Novo pároco da Catedral



LUIZALEXANDRE

O ex-reitor do Seminário Maior São Bonifácio, padre George Muniz, será o novo pároco da Catedral de Viana em substituição ao padre Rosivaldo Moraes, que irá cursar *Teologia Bíblica* em Roma.

Há três anos estudando também na capital italiana, padre George encontra-se em fase de conclusão do curso de *Teologia Patrística*. Sua posse, em Viana, está prevista para o dia 20 de julho próximo.

A Academia Vianense de Letras dá as boas vindas ao nosso novo pároco e deseja ao padre Rosivaldo sucesso nesta sua nova etapa de estudos em busca do aprimoramento teológico.

OS 80 ANOS DE SEBASTIÃO FURTADO



Sebastião Furtado com a esposa e filhas

Regada a confetes e serpentinas, a festa do 80º aniversário de Sebastião Silva Furtado reuniu grande número de amigos, conterrâneos e familiares em sua residência, no bairro do Turu, em São Luís.

Realizada na noite do sábado, dia 19 de janeiro último, a comemoração atravessou a madrugada sob os acordes de célebres marchinhas de carnaval que reviviam os antigos bailes carnavalescos e que tanto animaram os foliões vianenses do passado.

Rodeado pelo carinho da esposa, dona Ceci, filhos, netos e bisnetos, Seu Sebastião tinha muito a comemorar. Afinal, uma existência de oito décadas, repleta de venturas e de tantos momentos felizes, era motivo mais do que suficiente para festejar a suprema dádiva da vida.

Antes do tradicional “Parabéns pra você”, o aniversariante recebeu várias homenagens, entre as quais o prelançamento do livro de autoria de seu tio, o saudoso padre Eider Furtado da Silva, personagem de grande significado em sua história pessoal de vida.

Patrocinado pelo neto, Rômulo Borges Furtado, a obra *Comentários Semanais* reúne várias crônicas que traduzem a preocupação do sacerdote com as injustiças sociais e a marginalização imposta ao homem do campo, durante a ditadura militar.

Vaqueiro bem-sucedido – Nascido a 20 de janeiro de 1933, o 2º filho do casal Antonio Vieira da Silva e Raimunda da Silva Furtado, recebeu o nome de “Sebastião” em homenagem ao santo do dia, na época um dos mais reverenciados pela comunidade católica de Viana.

Matriculado no Grupo Escolar Estevam Carvalho, o pequeno Sebastião teve o privilégio de passar pelas mãos de renomadas professoras vianenses, como Iraci Cordeiro, Zilda Dias, Raquima Gomes, Faráides Campelo e da própria tia, Edith Nair Furtado da Silva.

Após concluir o curso primário, por incentivo do pároco da cidade, padre



A animação dos convidados na festa carnavalesca



O presidente da AVL faz a entrega do livro do padre Eider

Manoel Arouche, o adolescente foi encaminhado ao Seminário Santo Antônio, em São Luís, onde estudou por três anos. Aos 18 anos abandonou o seminário e alistou-se no Exército, trabalhando por dois anos e meio no antigo Serviço de Recrutamento.

Em 1955, aos 22 anos, já se encontrava de volta a Viana, quando conheceria aquela que seria sua companheira pelo resto da vida: Cecília Castro, uma jovem cururupeense de apenas 16 anos, que estava em visita à cidade.

Daí em diante, o tempo parece ter passado muito rápido: enquanto

nasciam as primeiras filhas, Sebastião mudou-se para o Ibacazinho, a fim de ajudar o pai na administração da Fazenda de N. S. da Conceição, na época uma das maiores fazendas da região.

Pai de dez filhos, avô de 18 netos e bisavô de cinco bisnetos, o ex-vaqueiro, ex-fazendeiro, ex-presidente da Associação dos Criadores do Município, ex-vereador e ex-presidente da Câmara Municipal de Viana possui uma trajetória de vida (veja matéria à página 8) que muito orgulha seus familiares e que certamente servirá de exemplo a todos os seus descendentes.

Reverenciando uma memória e celebrando a vida

Rômulo Borges Furtado

Quando jovem e com pouca experiência materna, minha mãe, Cledionora Mouzinho Borges, costumava visitar o querido padre Eider. Nessas visitas, ele não perdia a oportunidade de ensiná-la como amamentar corretamente o recém-nascido.

Hoje, já homem feito, ainda lembro as visitas que fazia com os meus pais à casa de tio Eider, quando pequeno. E mesmo adulto não deixei de vê-lo todas as vezes em que ia a Viana. Lembro-me em especial da última visita, quando o encontrei deitado na sua rede e já visivelmente debilitado, depois de acometido do problema renal. No meio da nossa conversa lhe perguntei: por que o senhor não vai se tratar em São Luís? Com um olhar conformado e sereno que refletia sua sabedoria e o peso dos anos vividos, respondeu: “lá não vai ter uma rede como esta e eu já vivi muito”.

Entendi que aquela era a última vez que o via. Tamanha paz de espírito num momento daquele era um estágio reservado somente aos homens que evoluíram, que se tornaram donos de si mesmos e, acima de tudo, mantiveram-se fiéis aos seus projetos de vida e à sua fé.

Vendo o seu exemplo, sinto-me orgulhoso por celebrar os 80 anos do meu avô: Sebastião da Silva Furtado. Os dois, padre Eider e meu avô, fazem parte de uma geração de pessoas que aos poucos está partindo, deixando órfãos e menos completos os que ficam. No entanto, como todo jovem, sei que tenho o futuro pela frente e a capacidade de muito realizar nas mãos, mas nunca deixarei de olhar para o passado, pois foi nele que construí o meu presente e as bases para saber trilhar os caminhos que o amanhã me reserva.

À saudosa memória de Eider Furtado da Silva e em comemoração à vida de Sebastião da Silva Furtado e de todos os amigos e parentes que os ajudaram a fazer seus dias mais completos e felizes.



O aniversariante com alguns dos netos...



... e bisnetos



Seu Sebastião com o neto Rômulo

Resgatadas imagens da missão jesuítica em Viana



Repintado com cores extravagantes e sem a chave na mão direita, o São Pedro mede 84cm de altura

LUIZALEXANDRE

Duas imagens grandes de madeira estão sendo restauradas pela Secretaria de Cultura do Estado, a pedido do Comitê local de Defesa do Patrimônio Histórico, da Academia Vianense de Letras e da Diocese de Viana

O Bom Jesus, atualmente com o tronco rachado e a expressão desfigurada por pinturas excessivas, mede 1,58cm de altura

Luiz Alexandre Raposo

O padre Serafim Leite (1890-1969), em sua *História da Companhia de Jesus no Brasil* (tomo III, livro II, capítulo VIII) discorre alguns parágrafos sobre o empreendimento jesuítico na antiga Aldeia do Maracu, no Maranhão, que englobava a Fazenda e o Engenho de São Bonifácio, quando os jesuítas foram presos por ordem de Sua Majestade, em junho de 1757.

Para tanto, Serafim Leite baseou-se no trabalho de outro historiador português, o também padre jesuíta José Caeiro (1712-1791), que teve o cuidado de reunir, na obra intitulada *De Exílio*, toda a documentação relativa ao trabalho de seus colegas de congregação, ao serem expulsos do Brasil.

Através do “Inventário do Maranhão”, Caeiro fez o levantamento completo do que existia no Engenho de São Bonifácio. Ao mencionar a igreja, o texto diz que *era velha, rebocada e caída, e que já havia madeira lavrada para a nova que se pensava construir. O retábulo pintado era de Nossa Senhora da Luz, com o menino nos braços. Estátuas: São Bonifácio, São Pedro, São Paulo, Santo Antonio, Santo Cristo, São João Evangelista. Alguma prata e bons ornamentos.*

É dessa maneira que se fica sabendo da existência dessas seis imagens, na pequena igreja do Engenho de São Bonifácio, quando da criação da Vila de Viana em 8 de julho de 1757. Infelizmente, até o momento é desconhecido o paradeiro de três delas: Santo Antônio, São Paulo e São João Evangelista.

São Pedro – Considerados como os dois sustentáculos do cristianismo, São Pedro e São Paulo eram os grandes inspiradores dos padres jesuítas na obra de evangelização dos povos do Novo Mundo. Desse modo, era muito comum que as imagens dos dois apóstolos acompanhassem os religiosos em cada nova missão fundada, como foi o caso da Missão de Nossa Senhora da Conceição do Maracu.

Após a desativação do Engenho de São Bonifácio, o São Pedro foi levado provavelmente para a capela de alguma fazenda das redondezas, quem sabe da Fazenda Araçatuba.

No início do século passado, sabe-se que esta imagem já se encontrava na Igreja Matriz de Viana. Na década de 40, devido o grande acervo sacro então existente na igreja e pelos poucos nichos e altares disponíveis, o pároco da época, padre Manoel Arouche, decidiu delegar a guarda e responsabilidade de algumas imagens às famílias católicas mais tradicionais da cidade.

Padroeiro do Carro Quebrado – Pequenos núcleos populacionais do município também eram agraciados com tal incumbência, como foi o caso do Carro Quebrado. Objetivando premiar os moradores daquela localidade pelo grande número de batizados e casamentos ali oficializados, padre Manoel Arouche resolveu lhes entregar a guarda do São Pedro. Uma procissão então foi organizada, saindo do Retiro, para conduzir o santo até aquele povoado. Segundo a Sra. Inês Costa Mendes (Dona Santoca), moradora do Carro Quebrado, o esplendor de ouro da cabeça do santo desapareceu durante o percurso. Anos depois, já no povoado, foi roubada

a chave (também de ouro) que a imagem trazia na mão direita.

Nas últimas décadas, a existência desta imagem parece ter sido esquecida pela Igreja local. Somente há alguns anos, o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana tomou conhecimento de sua permanência no Carro Quebrado, quando então se iniciaram os contatos para recuperação e restauração da relíquia. Em junho passado, a imagem foi entregue ao padre Rosivaldo Moraes, atual pároco da Catedral da Diocese de Viana.

Santo Cristo – É uma imagem que mostra o Cristo flagelado, após sua prisão e açoitamento pelos soldados romanos. Representa de forma pungente e comovedora, um momento da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele está despojado de suas vestes e com o corpo cheio de ferimentos. É o *Ece Homo*, o Homem-Deus, aproximando-se do auge da dor.

Em Portugal, esta representação do Cristo sofrido, com os punhos atados, é mais conhecida como Santo Cristo, sendo venerado até os dias atuais em várias regiões portuguesas, como é o caso do “Santo Cristo dos Milagres”, secularmente reverenciado pelos católicos da ilha dos Açores. Provavelmente por esse motivo, esta imagem foi assim registrada no “Inventário do Maranhão”, utilizado pelo padre Caeiro em seu célebre trabalho.

A história do Bom Jesus – No Brasil, entretanto, esta mesma imagem passaria a ser popularmente conhecida como “Bom Jesus”, devido a um achado singular, ocorrido em 1647. Diz a lenda que uma caravela partiu de Portugal com

destino ao estado de Pernambuco. A poucas milhas da costa pernambucana, os portugueses perceberam a aproximação de uma embarcação de bandeira holandesa. Com receio de terem seus objetos profanados, a tripulação jogou ao mar toda sua carga, inclusive uma imagem do Santo Cristo, a qual seria carregada pelas correntes marítimas até a praia do Uma, no litoral sul paulista. Nove meses depois, a imagem foi encontrada por dois índios e conduzida à Vila de Iguape. A partir daí passaria a ser venerada como “Bom Jesus”, denominação esta que, com o passar do tempo, se estenderia pelas demais regiões brasileiras.

Por esta razão e outros pequenos indícios, torna-se forte a hipótese de que o “Bom Jesus da Coluna” vianense seja, na verdade, o antiquíssimo Santo Cristo originário da capela dos jesuítas.

Recomposição do acervo – Durante quase dois séculos o Bom Jesus ou Santo Cristo foi venerado pelos católicos da cidade na Semana Santa. Após apresentar uma rachadura vertical ao longo do tronco, a imagem foi recolhida a um cômodo do Palácio Episcopal e certamente por conta dessa rachadura escapou de ter destino desconhecido, conforme aconteceu com as demais imagens de madeira do acervo sacro vianense, na década de 1980.

Somando-se ao São Bonifácio (atualmente em exposição no anexo de arte sacra do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, em São Luís) e confirmando-se a verdadeira origem do Bom Jesus, subiria para três o número de imagens recuperadas da antiga capela da missão jesuítica de Viana.

LIVRO DESTACA AZULEJOS VIANENSES

Em nossa edição nº 14 (novembro de 2006), publicamos uma matéria sobre a publicação do *Catálogo dos Azulejos das Cidades Históricas do Maranhão*, no qual foram registrados os azulejos existentes nas cidades de Alcântara, Caxias, Guimarães e Viana.

Era o terceiro livro ilustrado, componente de uma série de três publicações, que tinham como objetivo a divulgação e valorização de uma das maiores riquezas do Maranhão, ou seja, o seu acervo azulejar. O levantamento sistemático dessa herança colonial, iniciado em São Luís, consumiu três anos de paciente trabalho de pesquisa por parte de estudiosos e equipe técnica do Centro de Criatividade Odílio Costa Filho. Naquele ano de 2006, finalmente, o levantamento alcançava as raras cidades do interior maranhense detentoras de parte desse acervo.

Recentemente, os três catálogos foram reunidos num só livro de luxuoso acabamento, facilitando assim não apenas a consulta aos pesquisadores e interessados no assunto, como também levando ao conhecimento do público em geral a importância desse nosso valioso patrimônio.

Assim, ilustrado por belíssimas fotografias, um dos capítulos do *Inventário do Patrimônio Azulejar do Maranhão* relaciona todos os modelos de azulejos encontrados em nossa cidade. São

oito páginas (419 a 427) dedicadas à azulejaria vianense, nas quais se destaca o sobrado amarelo e a fachada da antiga residência do Sr. Estrelinha (Rua Antônio Lopes, 544), esta última por apresentar um padrão de estampilha somente localizado em Viana.

Uma falha grosseira da publicação ficou por conta da compilação do texto do catálogo original sem a necessária revisão. Desse modo, repetiram-se os mesmos equívocos anteriores como, por exemplo, apontar o ano de 1709 para a chegada dos jesuítas e dizer que Viana foi a “outrora terceira cidade mais importante da Baixada Maranhense”.

Na verdade, a missão jesuítica de N. S. da Conceição do Maracu foi instalada em 1683 e a partir da segunda metade do século 19, depois de São Luís e Alcântara, já éramos a terceira cidade mais

importante do Estado e a primeira da Baixada.

Lapsos históricos à parte, além do importante trabalho de catalogação dos azulejos maranhenses (abrangendo suas origens, modelos e técnicas de fabricação), o livro almeja chamar a atenção dos proprietários de imóveis azulejados e administradores municipais das cidades históricas para a grande importância da valorização e preservação dessa rica herança dos nossos antepassados portugueses.

No caso particular de Viana, urge que as autoridades constituídas (prefeito, vereadores e secretários de cultura e turismo, principalmente) se sensibilizem com a questão, a fim de poderem incluir, em suas pautas de trabalho, ações concretas que visem a preservação dos poucos e valiosos imóveis azulejados da cidade.



FOTOS: LUIZALEXANDRE



Painéis no Centro de Criatividade Odílio Costa Filho, em São Luís, e Rosana Oliveira, que acompanhou a equipe técnica em Viana



FAMÍLIA RAMOS

Lourival Serejo

Muitas famílias vianenses desapareceram sem deixar registros. Morreram as pessoas, as casas caíram, nenhum parente restou para perpetuar o nome da família. Algumas, entre ricas e humildes, tiveram relevante atuação na sociedade; depois se acabaram, por morte dos seus membros, ou mudaram de domicílio, como foi o caso da família de Américo Fernandes (quem se lembra?). Mesmo ausentes, ficaram na memória de seus contemporâneos. Daí a importância de lembrar a passagem delas pela cidade de Viana. Daí o valor que vejo em falar desses grupos familiares que estiveram presentes e que, de certa forma, influenciaram nossas circunstâncias, na moldura do nosso espírito, do nosso sentimento de pertencer a uma comunidade com costumes e tradições peculiares.

Com essa breve introdução, pretendo explicar a série de crônicas que inicio, neste jornal, sobre as famílias vianenses, sem preocupação em fazer história, até porque não sou historiador.

Começarei falando da família Ramos.

Ainda me lembro do senhor Moisés Ramos andando devagar, pelas ruas de Viana ou assistindo às missas na igreja de São Benedito, com uma fita vermelha da Irmandade do Santíssimo Sacramento no pescoço. Estava sempre bem

vestido, bem arrumado, com um porte solene de um chefe de família, no sentido mais tradicional do termo.

Por várias vezes frequentei sua casa, acompanhando minha irmã Lurdinha, em suas visitas à dona Maroca, de quem era muito amiga.

Sobre o senhor Moisés Vieira Ramos, tomei conhecimento de que era alfaiate, depois tornou-se comerciante e morou em Viana até a data do seu falecimento, ocorrido em 6 de maio de 1969.

A família Ramos era extensa, como quase todas as famílias vianenses daquela época. Moisés Ramos era casado com a senhora Maria da Conceição Fernandes Ramos, conhecida como dona Maroca. Dessa união nasceram dez filhos, nesta ordem de antiguidade: Djanira, Djalma, Doracy, Denê, José de Ribamar, Daniel, Denise, Dorival, Maria da Natividade e Antônio Amâncio. Sete dos dez irmãos já faleceram, restando apenas Doracy, Denise e Maria da Natividade, todas residentes em São Luís, há muitos anos.

A casa dos Ramos continua a mesma, bem conservada, de frente para a Igreja de São Benedito, como a prestar reverência permanente ao templo zelado pela família por muitos e muitos anos.

Moisés Ramos tinha, como católico atuante, acentuada ligação com a Igreja, tanto que pertencia à Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Essa confraria religiosa, segundo relata Luiz Alexandre, em seu livro *Memórias de América Dias*, era “composta somente por varões e se-

diada na Igreja da Matriz. Essa irmandade era quem comandava os atos da Semana Santa, em especial as celebrações da Quinta-feira Santa, quando o Santíssimo ficava exposto em um altar lateral para adoração pública.”

Uma curiosidade relativa ao senhor Moisés Ramos era sua condição de irmão unilateral da nossa teatróloga Anica Ramos, figura lendária da vida cultural de Viana.

A religiosidade era a marca dos Ramos, devotos de São Benedito, em cuja festa o senhor Moisés participava ativamente, não só como católico, mas como ativo cooperador das atividades referentes à administração dos festejos.

Pertencia à família Ramos o popular Nonato, morto precocemente. Era filho de dona Djanira e do senhor Diógenes, sendo conhecido como Nonato de Diógenes. Como se alardeava um torcedor fanático do Corinthians, também era chamado de *Flávio*, em referência a um então famoso jogador daquele time. Ao som do seu clarinete e pela animação de suas histórias, espalhava alegria por onde passava, despertando muita simpatia entre seus amigos.

Como se vê, é importante para as gerações presente e futura o conhecimento da existência dessas famílias, a exemplo da família Ramos, que tanto representou para a sociedade vianense no tempo dos nossos pais, educando seus filhos pelo catecismo dos valores maiores das boas práticas familiares e religiosas.

Defesa pela permanência do Hotel Vianense

Não é de hoje que se ouve falar da desativação do Hotel Vianense, na Praça da Matriz, com o objetivo de transformar o prédio em uma espécie de anexo da prefeitura ou sede da Câmara Municipal. No entanto, desta vez, parece que a ideia goza de grande apoio por parte da assessoria do novo prefeito.

Considerando que todos os demais hotéis se localizam à entrada da cidade, parece-nos extremamente fora de lógica, para uma administração que almeja incentivar o turismo, extinguir o único hotel localizado no centro histórico, próximo ao Parque Dilú Mello e com vista privilegiada para o lago. Em outras palavras, o Hotel Vianense possui excelente localização não apenas para quem vem a passeio como também para aqueles que vêm a trabalho.

Além do mais, não seria inteligente – e muito menos econômico – transformar um imóvel, construído especificamente para abrigar um hotel, em



GERALDO COSTA

uma casa legislativa ou sede de secretarias. Seria um desperdício e um despautério tentar converter toda a estrutura de apartamentos em gabinetes ou salas de atendimento público.

Por outro lado, não se pode negar que os serviços oferecidos pela referida hospedaria deixam muito a desejar.

Em que pese a simpática receptividade da atual administração, são inúmeras as reclamações de hóspedes insatisfeitos com o serviço ali oferecido, considerado pela maioria de péssima qualidade.

Muitos até confessam que só se hospedam no Hotel Vianense por causa de sua boa localização.

Assim, somos a favor da manutenção do Hotel Vianense e da urgente melhora da qualidade de seus serviços. Aliás, esta é uma exigência que se estende a 99% da rede hoteleira da cidade. Se quisermos realmente incentivar o turismo, precisamos primeiramente preparar de forma adequada a mão de obra de nossas casas de hospedagem. Para isso, existem o Senac e o Sebrae que estão sempre oferecendo cursos rápidos de hotelaria.

FRANCISCO ALVES DA SILVA

★14/09/1917 † 20/01/2013

Matéria de página inteira de nossa última edição (nº38 – Nov/2012), quando registramos a passagem festiva de seu 95º aniversário, Seu Juju Silva faleceu na manhã do último dia 20 de janeiro, no Hospital São Domingos, em São Luís, onde se encontrava internado desde o dia 3.

Fazendeiro muito conhecido e estimado na Baixada Ocidental Maranhense, Seu Juju, que era casado pela terceira vez, deixou viúva, nove filhos, 26 netos e 23 bisnetos. Sua missa de 7º dia, realizada na Igreja de N. S. Aparecida, no bairro do Cohafuma, reuniu grande número de amigos e conterrâneos, além de seus familiares.



ARISTIDES SIMAS COELHO DE SOUSA

★10/08/1922 † 14/01/2013

Titular da Cadeira nº 20 de nossa Academia, o advogado, escritor e poeta Aristides Simas Coelho de Sousa faleceu em São Luís, aos 90 anos, no dia 14 de janeiro último. Viúvo há apenas dois anos e meio de dona Regina Célia da Costa Sousa, com quem era casado desde 1948, o acadêmico vianense não deixou herdeiros.

Na AVL, o Dr. Aristides tinha como patrono seu próprio avô paterno, o também advogado e intelectual vianense Aristides Augusto Coelho de Sousa. Com seu desaparecimento, sobe para três o número de cadeiras atualmente vagas em nossa agremiação cultural.



WALTER COELHO DE SOUSA

★11/10/1926 † 20/02/2013

Após dois anos de luta contra um câncer na parótida, Walter Coelho de Sousa faleceu em São Luís, aos 86 anos, deixando quatro filhos e cinco netos. Era ele Irmão do nosso confrade, Aristides Simas Coelho de Sousa.

Formado em Odontologia desde 1954, Dr. Walter exerceu a profissão por muitos anos em Viana, onde se destacou também como professor do antigo Ginásio Antônio Lopes e principalmente como cidadão engajado no processo de desenvolvimento da cidade. Ao lado da esposa, dona Carminha (falecida em 2010), trabalhou em várias frentes sociais como na assessoria prestada ao 1º bispo de Viana, D. Hamleto de Angelis, e no apoio à fundação da 1ª Maternidade de Viana (atual Policlínica), em 1968.



UM ACADÊMICO, UM PATRONO

JOSÉ RIBAMAR D'OLIVEIRA COSTA JÚNIOR

Um magistrado na Academia

Luiz Alexandre Raposo

O 9º filho do casal José Ribamar d'Oliveira Costa (Zezico) e Terezinha de Jesus Pereira Costa nasceu em 30 de maio de 1964, recebendo na pia batismal o mesmo nome do pai. Assim, criado entre os dez irmãos, desde cedo o novo integrante da família passou a ser identificado como “Costa Júnior”.

Matriculado no Grupo Escolar Estevam Carvalho, o menino não demorou a demonstrar sua forte inclinação aos estudos. Aos dez anos de idade concluiu o antigo primário, ingressando logo no curso ginásial da Unidade Escolar Dom Hamleto de Angellis. Após as duas primeiras séries, transferiu-se para o então Centro Educacional Professor Antônio Lopes, concluindo ali o referido curso.

Ainda em Viana, iniciou o 2º Grau na Escola Nossa Senhora da Conceição em 1979, retornando depois ao Antônio Lopes, onde optou pelo curso técnico de Contabilidade. Visando a etapa seguinte de acesso à Universidade, Costa

Júnior mudou-se para São Luís, concluindo o curso de Contabilidade na Escola de Comércio Centro Caixaerial, em 1981.

Aprovado no vestibular para Administração de Empresas (UEMA), o jovem universitário decidiu abandonar o curso dois anos depois e submeter-se a um novo vestibular, desta feita para Direito, na UFMA, bacharelando-se em 1987. Uma vez graduado, aos 25 anos, iniciou a vida profissional como Delegado de Polícia, depois de aprovado em concurso público.

Foi nesse ínterim que Costa Júnior casou-se com a conterrânea Luisa Helena, em 25 de maio de 1990. Após a cerimônia, realizada na Igreja Matriz de Viana, o casal fixou residência em Tutoia, onde o novo delegado de polícia começou a trabalhar. No ano seguinte já estava prestando serviços na



histórica cidade de Alcântara.

Não muito satisfeito com o trabalho de delegado, ingressou na magistratura maranhense em 1993, igualmente através de concurso público. Como juiz de Direito trabalhou nas comarcas de Cururupu, Poção de Pedras, Barreirinhas, São José de Ribamar e Imperatriz, antes de tornar-se juiz auxiliar de 4ª entrância, em São Luís, desde 2009.

De todas essas comarcas por onde passou, o exercício da função jurisdicional em Imperatriz, segundo seu próprio depoimento: “foi de fundamental importância para minha vida profissional e pessoal, uma espécie de segundo laboratório forense, devido à complexidade das causas que me proporcionou o aprimoramento de meus conhecimentos jurídicos, além de ter conquistado naquela

cidade grandes amigos”.

Ainda em Imperatriz foi Juiz Eleitoral da 92ª zona e diretor do Fórum da Justiça Comum. Em 2003, recebeu ali a medalha de “honra ao mérito” do Tribunal de Justiça do Maranhão pelos seus dez anos de bons serviços prestados à magistratura.

Costa Júnior é pós-graduado em Direito Processual Civil pela Universidade de Santa Catarina (UNISUL) e Direito Constitucional pela Universidade Dom Bosco (UNDB). É também autor de artigos jurídicos publicados em revistas especializadas, além de algumas crônicas publicadas em jornais de Imperatriz e São Luís. Até recentemente foi coordenador dos cursos de formação continuada da Escola Superior da Magistratura do Maranhão (ESMAM).

Pai de dois filhos, Filipe e Arthur, Jose de Ribamar D'Oliveira Costa Júnior foi eleito para a Academia Vianense de Letras, em 2010, assumindo desde então a Cadeira de nº 30, patronada pelo eminente padre Eider Silva.

ANTONIO BERNARDO DA ENCARNAÇÃO E SILVA

1º vianense a graduar-se em Coimbra

Luiz Alexandre Raposo

Parecem quase incompreensíveis, ao mundo globalizado e materialista do século 21, o despertar para a vida e os desafios que se apresentavam a um jovem idealista nascido na pequena Vila de Viana, no final do século 18, quando o país se encontrava em pleno processo de colonização e o Maranhão ainda abrigava grande número de populações indígenas como, aliás, quase todo o território nacional.

Vivia-se um tempo em que a Igreja detinha influência em todos os setores da sociedade e que as pessoas guiavam suas vidas segundo a doutrina católica. Dessa forma, fortalecida pelo expressivo número de vocações sacerdotais, e preocupada com “a salvação de tantos pagãos selvagens”, a Igreja atuava intensamente no trabalho de evangelização dos índios, ministrando-lhes os sacramentos e ensinando-os a ler e escrever, contribuindo assim para a sua “civilidade”.

É nesse contexto que veio ao mundo Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, assim batizado por ter nascido a 13 de junho (dia consagrado a Santo Antonio) de 1799. Criado em tal realidade e certamente entusiasmado pelo trabalho desenvolvido pelos religiosos junto às comunidades indígenas, o jovem vianense ingressou no Convento do Carmo, em São Luís, decidido a tornar-se um frei carmelita. Desse modo,

aos 20 anos, já se encontrava cursando o 1º ano de Teologia na conceituada Universidade de Coimbra, conforme registra os anais daquela secular instituição de ensino. Entre os alunos ali matriculados para o ano letivo de 1819, consta o aluno “Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, Carmelita Calçado, filho de João Antonio da Silva, natural de Viana, Província do Maranhão.”

Doze anos depois, em 1831, já radicado em São Luís, outro importante documento registra sua atuação na cidade: a nomeação do Doutor Frei Antonio Bernardo da Encarnação e Silva como primeiro diretor da Biblioteca Pública do Estado (posteriormente denominada Benedito Leite), criada dois anos antes, mas oficialmente inaugurada em 3 de maio daquele ano. O cargo de diretor da segunda biblioteca mais antiga do país (depois da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro) foi ocupado pelo religioso vianense por quatro anos, período do qual consta o 1º ofício emitido ao Governo do Estado, solicitando uma sede própria para aquela



Lápide do patrono

instituição.

No âmbito eclesial, como bacharel em Teologia, Frei Antônio Bernardo logo se destacou pela oratória e inteligência, conquistando o respeito e a admiração de seus superiores. Foi Mestre Escola da Catedral do Maranhão, tendo sido também nomeado como Governador do Bispado pelo então bispo diocesano Dom Frei Carlos de São José e Sousa, além de assumir ainda a função de Examinador Sinodal (responsável pelo acompanhamento das assembleias regulares dos párcos e padres auxiliares, convocadas pelo bispo local).

Paralelo à vida religiosa, Frei Antonio Bernardo também se dedicou ao magistério, alcançando prestígio como professor de Retórica e Poética do Liceu Maranhense por vários anos. Na vida pública, o nome do intelectual vianense igualmente alcançaria o reconhecimento de todas as camadas sociais, reconhecimento este que o conduziria a um mandato de deputado provincial e depois de deputado geral (respectivamente, deputado estadual e federal da

atualidade).

Em 9 de abril de 1840, o Livro de Sessão da Assembleia Geral Legislativa registra a presença do Dr. Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, deputado geral pelo Maranhão, na Sessão Imperial de Abertura dos trabalhos daquele ano, quando o regente Pedro de Araujo Lima representou a pessoa do imperador, D. Pedro II.

Digno de nota é o fato de que outro ilustre intelectual vianense o antecedeu no mesmo cargo, ou seja, Estêvão Rafael de Carvalho também havia representado brilhantemente o Maranhão na Assembleia Geral, no Rio de Janeiro, durante a legislatura de 1834 a 1837.

Antonio Bernardo da Encarnação e Silva faleceu, em São Luís, aos 49 anos, no dia 25 de agosto de 1848. Ao contrário do que se poderia supor, sendo ele um Frei Carmelita, seus restos mortais repousam na sacristia da Catedral da Sé e não na Igreja do Carmo. É que, ao falecer, o religioso encontrava-se em plena atividade como Governador do Bispado e - conforme escrito em sua lápide - “por disposição testemunhar sua aqui jaz também seu pai, João Antonio da Silva.”

A AVL prestou merecida homenagem à memória deste homem, que se tornou um dos intelectuais mais insígnis já surgidos no cenário cultural maranhense, ao elegê-lo como patrono da Cadeira nº 7, cujo titular é procurador de Justiça aposentado,



Nonato Reis

SEBASTIÃO FURTADO, LEMBRANÇAS

fazer”. Ganhou visibilidade. Em pouco tempo tornou-se presidente da Associação dos Criadores do Município.

Dom Hélio de Campos chegara a Viana para chefiar a diocese local, substituindo a Dom Hamleto de Angelis. De visão política progressista, líder por vocação, Dom Hélio percebeu o isolamento da cidade do resto do Estado. A única ligação com São Luís era feita por via marítima, em lanchas que transportavam desde manufaturas a animais e gente. As viagens eram longas e perigosas.

Era preciso construir uma estrada de rodagem ligando Viana a Arari. O bispo deu início então a uma luta ingloria, que o levaria diversas vezes a São Luís e Brasília, tentando convencer

as autoridades a mandar construir a estrada. Mobilizou as entidades de classe e o povo. Foi como atear fogo em canavial.

De pronto recebeu o apoio de Sebastião Furtado, então líder classista rural, e também do padre Eider Furtado, tio de Sebastião e adepto da Teoria da Libertação. “A gente começou a entupir a mesa do ministro dos Transportes, Mário Andrezza, de telegramas, cobrando a licitação da estrada. Ele deve ter ficado zozinho com tanta aporrinhação”.

Dom Hélio foi a Brasília. Na Base Aérea encontrou com José Sarney e pediu-lhe apoio, que o negou de pronto. “Sarney disse que o projeto não era viável, que a Baixada era uma região pobre”. Dom Hélio não desistiu, percorreu a esplanada dos ministérios, solicitou audiências. Em São Luís pediu o apoio do governador da época, que também o negou. A luta prosseguiu até que o Estado, vencido, decidiu abrir licitação e assinar a ordem de serviço.

À frente de uma comissão, Sebastião Furtado veio a São Luís assistir ao desfecho do processo licitatório no DER/MA. O grupo se alojou no Seminário Santo Antônio, onde confeccionou faixas e cartazes. Na volta a Viana, encontraram a cidade em festa. Uma multidão retirou Sebastião do ônibus e o carregou nos braços, agradecida. “Foi uma emoção enorme. Jamais esqueci”, recorda.

Em 1972, Dom Hélio o chamou para comunicar que ele seria o candidato da Igreja e dos trabalhadores rurais à Câmara Municipal. “Mas como? Eu não entendo nada desse negócio de política!”. A decisão estava tomada. A igreja jamais se envolveu abertamente na campanha, mas ele recebeu o apoio em

massa do sindicato de trabalhadores rurais e, concorrendo pelo MDB, elegeu-se único vereador de oposição.

Começava a jornada solitária da água contra o rochedo. Combateu a gestão de Walber Duailibe do começo ao fim. Na Câmara, que tinha 9 vereadores, o placar a favor do prefeito era vergonhoso: 8 a 1. Mesmo assim, articulou e conseguiu o cargo de secretário geral da Mesa, que na hierarquia do parlamento é o segundo em importância.

Seu primeiro projeto restabeleceu a dignidade da Câmara, ao transferir a sede do Parlamento, alojada no prédio da prefeitura, para outro imóvel. “Era um absurdo a Câmara funcionar ao lado do gabinete do prefeito, como um biombo”. O prefeito não queria o projeto, mas Sebastião, mesmo sozinho, articulou o pleito de tal modo que sua proposição foi aprovada por unanimidade.

Também apresentou projetos para a construção de escolas em duas localidades. O prefeito, dessa vez, agiu rápido e a Câmara rejeitou as matérias. Sebastião não se deu por vencido. Fez reuniões com as comunidades beneficiadas pelos projetos e, em sistema de mutirão, ergueu as duas escolas em barro e palhas de babaçu. Os salários dos professores eram pagos com recursos próprios, isso numa época em que os vereadores não possuíam remuneração.

Em 1976 concorreu à reeleição e ganhou. Na hora de montar a chapa da Mesa Diretora, aplicou um golpe de mestre. Havia dois grupos com igual número de vereadores disputando a presidência, um ligado ao prefeito eleito e o outro do candidato derrotado. Era o fiel da balança. Para qualquer lado que pendesse, levaria a eleição. Foi assediado pelos dois grupos e para todos repetiu a mesma história: seria candidato de si mesmo. Na última hora o prefeito o procurou e aceitou que figurasse na cabeça da chapa. Tornou-se assim presidente da Câmara, sem pertencer a grupo algum.

Em 1982, lançou-se candidato a prefeito, enfrentando duas forças exponenciais. Teve quase 3.000 votos. O eleito recebeu pouco mais de 4.000. “Perdi porque não tinha apoio político nem material, mas o povo me apoiou”. Deixou a política e foi cuidar da vida. No dia 20 de janeiro último completou 80 anos. Comemorou ao lado da família e dos amigos. Eu quis saber o que passa pela cabeça de quem chega a essa idade, lúcido e admirado. “Dá vontade de ser eterno, de gozar a vida e jamais morrer”. A história tem a capacidade de imortalizar seus personagens.

Dizem, e isso vem da Grécia antiga, que uma andorinha só não faz verão. Sebastião da Silva Furtado, hoje com 80 anos, pegou esse postulado de Aristóteles e o refez. Agindo solitariamente, confiando apenas na força dos seus princípios, fez história em Viana. Numa época em que a voz que se ouvia era a dos quartéis e a lei que pairava sobre todos era a do chumbo, ele deu as costas para o regime, elegeu-se vereador por dois mandatos, tornou-se presidente da Câmara Municipal e quase chega lá, como prefeito da cidade.

Aos 22 anos conheceu Cecília, então menina de 16 anos, e com ela decide trocar alianças. ‘Raptou’ a garota e a levou para a casa de um parente. À noite, o dono da casa tentou colocar o casal em quartos separados. Sebastião reagiu. “Eu não roubei mulher para dormir sozinho”. Pegou a moça e a levou para a casa dos pais dele, que, a contragosto, tiveram que “engolir” a decisão do filho.

Trabalhou duro com o pai na roça e na pequena criação de gado. Um dia o padre Manoel Arouche, vigário de Viana, chamou Antoninho Furtado, pai de Sebastião, e fez-lhe o convite. Queria que ele cuidasse do gado da Santa (sim, nessa época, Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Viana, era uma das maiores fazendeiras da região, com quase duas mil reses).

Antoninho chamou o filho e disse que só aceitaria a proposta, se ele o ajudasse. Sebastião coçou a cabeça, não tinha nada a perder. “Pai, se outros toparam, por que a gente vai desistir? A gente encara e mostra que sabe

ASSINATURA ANUAL DO RENASCER

Para se tornar assinante deste periódico, basta depositar o valor de R\$ 40,00 (quarenta reais) na conta corrente da AVL, no Banco do Brasil.

Nº da conta: 13.365 – 5
Nº da agência: 2972 – 6

Depois envie uma mensagem para luiz.raposo@uol.com.br comunicando a data do depósito, o nome e o endereço completos do depositante (sem esquecer o Cep).

Dessa maneira, seu exemplar será enviado, trimestralmente, via correio.

Aos já assinantes que desejem renovar a assinatura, o processo é o mesmo. Não esqueça, porém, de passar a mensagem comunicando a data do depósito.

No ato da renovação, não é necessário comunicar o endereço do depositante (a não ser que tenha havido alguma mudança).

O RENASCER VIANENSE



Diretor/Redator: Luiz Alexandre Raposo (Reg. 0000821-MA)

e-mail: luiz.raposo@uol.com.br

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459,
Viana – MA CEP: 65.215-000